



CHEERLEADING SEALAND CHEER

Ellen Gomes de Oliveira¹³⁶

ellen.go.oliveira@gmail.com

Rosângela Soares Campos¹³⁷

rocamposgyn@gmail.com

O objetivo deste trabalho é apresentar o grupo de cheerleading Sealand cheer, que faz parte do Projeto de Extensão da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, intitulado Treinamento em cheeleading sob orientação da profa. Juliana Carneiro, a partir das experiências da acadêmica de Educação Física e idealizadora do projeto Ellen Oliveira. Neste trabalho serão considerados o breve histórico, o processo de construção das coreografias e as dificuldades na formação do grupo. A partir de 2016, a International cheer Union foi reconhecida como a entidade máxima do cheerleading pelo Comitê Olímpico Internacional e, desde então, o esporte foi reconhecido provisoriamente como modalidade olímpica (BACKER, 2016; MARIANO, 2018). O cheerleading possui quatro pilares essenciais que o caracteriza: a) Stunts, que são as elevações, pirâmides humanas e arremessos; b) Jumps, que são os saltos usados na rotina; c) tumbling são as acrobacias, que originalmente vieram da ginástica como flic-flac, roda, rodante e mortais. São esses movimentos que deixam a coreografia espetacular; e d) dança (WRIGHT, 2011). O cheerleading surgiu nos Estados Unidos em 1869 durante um jogo de futebol entre a Princeton University e Rutgers University no qual os estudantes se organizaram em torcidas para apoiar suas equipes. Em 1880, os estudantes de Princeton organizaram um grupo de torcida formado exclusivamente por homens (ICU, 2018). A exclusão das mulheres do cheerleading era justificada por questões biológicas e físicas (ADAMS; BETTIS, 2003). Portanto, o cheerleading em seus primórdios era uma modalidade de domínio masculino, e somente a partir da década de 1920 as mulheres foram gradualmente conquistando seu espaço como líderes de torcida. Mas, inicialmente, as mulheres eram consideradas apenas objetos decorativos que entretenham o público durante os intervalos de esportes masculinos (HANSON, 1995 apud NYKANEN, 2018). Até 1930, usavam-se bandeiras, megafones e pompons e acrobacias simples. Entre 1930-1940 foram inseridos movimentos inspirados na marcha militar, como o chute alto. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando os homens foram para a guerra, o cheerleading deixou de ser um reduto masculino, passando a ser uma atividade física majoritariamente feminina e nos dias atuais cerca de 85% dos participantes são mulheres (ICU, 2018). Foi neste período que o presidente do Kilgore College contratou um coreógrafo para criar uma dança feminina que atraísse os alunos durante os intervalos dos jogos (futebol americano) a fim de que eles não fossem ao estacionamento para beber (GIANOULIS, 2002). Com o tempo, foram inseridas novas acrobacias e formação de pirâmides (ICU, 2018). No Brasil, o cheerleading chegou em meados de 2006 e 2009, desde então o esporte só cresce no país. Ele é regulamentado pela União Brasileira de cheerleading, filiada ao Internacional cheer Union, representante do esporte em seu caráter mundial (MARIANO, 2018; SOUPIN, 2019). Em Goiânia, surgiram alguns grupos, entretanto o time Sealand cheer é o primeiro grupo goiano a participar de uma competição nacional. Após sete meses de existência do grupo, o Sealand cheer foi oficializado como projeto de extensão e expandiu suas atividades, antes limitadas aos acadêmicos de educação

¹³⁶ Acadêmica do Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG)

¹³⁷ Professora de Educação Física do Instituto Federal de Goiás- Campus Goiânia (IFG)



física da UFG, para estudantes de ensino superior da UFG e de outras instituições. À medida que o grupo foi crescendo, a participação em competições tornou-se possível, e os treinos passaram a ter enfoque nos níveis, regulamentos e confecção da rotina (coreografia). Com isso, um dos principais objetivos do grupo é desenvolver treinamentos visando à participação em competições. Para além disso, é um espaço de divulgação, reflexão, experimentos e formação de novos professores para a prática dessa modalidade. O grupo iniciou com 24 integrantes, porém, aproximadamente 10 pessoas não deram continuidade aos treinos devido a questões financeiras ou por não terem a intenção de competir. Atualmente, o grupo é composto por 8 mulheres e 12 homens. Os treinos acontecem quatro vezes por semana com duração de 1 hora às segundas, quartas e sextas-feiras, e aos sábados os treinos se estendem por 3 horas no turno matutino no Ginásio de Lutas da FEFD-UFG. Os treinamentos se dividem em 4 partes: aquecimento, alongamento, condicionamento físico e elaboração e desenvolvimento dos elementos do cheerleading, como: elevações, pirâmides e acrobacias que compõem o nível do time. Em dezembro de 2018, em sua primeira participação no Campeonato Brasileiro de cheerleading (Rio de Janeiro/RJ), o Sealand cheer conquistou o primeiro lugar na categoria universitário Coed (modalidade mista, homens e mulheres) Nível 2. Consequentemente, a equipe conquistou visibilidade dentro e fora da universidade. As maiores dificuldades para a formação e a manutenção do grupo foram a disponibilidade de horários dos alunos, a associação da modalidade à sexualidade e ao sexo feminino, a falta de conhecimento sobre a modalidade e a necessidade de um espaço adequado para treinamento (o ginásio possui um pé direito baixo), a insegurança em executar os movimentos, e o número limitado de manuais técnicos publicados em português. Quanto ao processo de construção das coreografias, este é realizado coletivamente a partir dos conhecimentos artísticos e técnicos dos integrantes e dos monitores responsáveis pelo projeto, assim como a partir das orientações e sugestões de um dançarino profissional. Portanto, a coreografia é resultado de uma prática coletiva e dialógica. Além disso, o grupo estuda a própria coreografia e a de outros grupos, por meio da análise de vídeos, com a finalidade de refletir sobre os movimentos e a rotina. A composição coreográfica do cheerleading parte do pressuposto de sincronia entre todos da equipe, e isto é um importante valor de pontuação para as competições, ou seja, quanto mais o time estiver longe do fator ideal de sincronia, menos pontos a equipe receberá. Portanto, as rotinas são definidas de modo que cada movimento seja feito para uma contagem musical específica e ocorra considerando determinados efeitos e segurança (LORD, 2002). Relatar as experiências sobre o grupo Sealand cheer é importante para divulgar a modalidade e desmistificar os estereótipos que a limitam a simples líderes de torcida ou ao sexo feminino e, com isso, contribuir para a inserção do cheerleading na cultura corporal brasileira.

Palavras-chave: *Cheerleading; história; composição coreográfica; relato.*

Referências:

- ADAMS, N.; BETTIS, P. **Cheerleader! An American Icon**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- BAKER, J. Flocheer. **Will We See Cheerleading At The 2020 Olympic Games In Tokyo?** 2016. Disponível em: <<https://www.flocheer.com/articles/5058693-will-we-see-cheerleading-at-the-2020-olympic-games-in-tokyo>>. Acesso em: 19 Jun. 2019.
- GIANOULIS, T. **Cheerleading**. St. James Encyclopedia of Pop Culture. Gale Group, 2002.



International Cheer Union. (ICU). **History of The Sport of Cheer**. Disponível em: <cheerunion.org.ismmedia.com/ISM3/std-content/repos/Top/docs/ICU_History_2018.pdf>.

Acesso em: 21 jun. 2019.

LORD, J. Cheerleading "Gymnastics" what makes cheer gymnastics different? **Technique: An official publication of USA Gymnastics**, v. 22, n. 7, p. 10-12, julho, 2002.

MARIANO, R. Cheer one channel. **História do Cheer Brasileiro, os primeiros passos de um esporte nascente**. 2018. Disponível em: <<http://cheer1.com.br/2018/07/30/os-primeiros-passos-de-um-esporte-nascente/>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MARIANO, R. Cheer one channel. **Mais um passo em direção às Olimpíadas**. 2018. Disponível em: <<http://cheer1.com.br/2018/01/02/mais-um-passo-em-direcao-as-olimpiadas/>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

NYKÄNEN, R. **Cheerleading as a part of Finnish sports culture: an overview of the development of cheerleading in post-modern Finnish sports culture from 1979 to 2018**. University of Jyväskylä Faculty of Sport and Health Sciences Social Sciences of Sport Master's Thesis Spring, 2018.

SOUPIN, E. Universa. **Cheerleaders à brasileira**. 2019. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/reportagens-especiais/cheerleaders-a-brasileira-quem-sao-os-praticantes-dessa-tradicao-tipicamente-americana-e-sem-patrocinio-por-aqui/index.htm#cheerleaders-a-brasileira>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

WRIGHT, J. **"The Guide to Cheerleading"**. Outstanding Honors Theses. 2011. Disponível em: <http://scholarcommons.usf.edu/honors_et/46>. Acesso em: 20 jun. 2019.